

# EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: UM DIÁLOGO SOBRE OS SABERES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE PAU FERRADO

**MARIA IVENI DE LIMA SILVA**

Pedagoga e Mestre em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Centro Acadêmico do Agreste - CAA; Email- ivenilima@gmail.com.

## RESUMO

Este trabalho faz parte de compreensões fruto da dissertação de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea (PPGEDUC), na Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA). Apresentamos um diálogo sobre saberes tradicionais presentes na Comunidade Quilombola de Pau Ferrado, onde buscamos identificar, caracterizar e analisar os saberes tradicionais desta comunidade. Como procedimento metodológico utilizamos a entrevista semiestruturada, e para o tratamento dos dados utilizamos a Análise de Conteúdo via Análise Temática (BARDIN, 1977; VALA, 1990), a partir das três fases: pré-análise, exploração do material, tratamento e inferências, que contribuem na organização no caminho traçado para as análises. Após a análise foi possível identificamos os saberes quilombolas da Comunidade de Pau Ferrado e entender que estes conhecimentos representam a construção diária da memória, identidade e pertencimento étnico desses sujeitos.

**Palavras-chave:** Educação Quilombola; Saberes Tradicionais; Estudos Pós-coloniais.

## 1. INTRODUÇÃO

**E**ste trabalho faz parte de compreensões fruto da dissertação de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea (PPGEDUC), na Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA). Neste texto apresentamos um diálogo sobre saberes tradicionais presentes na Comunidade Quilombola de Pau Ferrado, localizada no território campestre do município de Lagoa dos Gatos-PE.

Buscamos dialogar com os sujeitos colaboradores sobre a educação quilombola da referida comunidade, tendo como objetivo compreender quais saberes tradicionais são praticados e/ou dialogados na Comunidade Quilombola de Pau Ferrado. Para isto, contamos com a colaboração do líder da associação da comunidade e da secretária da associação. Assim, elencamos como objetivos específicos: a) identificar e caracterizar os saberes tradicionais da Comunidade Quilombola de Pau Ferrado; e b) analisar a partir das falas dos sujeitos colaboradores como esses saberes estão sendo repassados na comunidade, tendo em vista sua importância para o fortalecimento da memória, identidade e resistência das culturas negras, dentre elas as quilombolas.

## 2. EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NEGRA

Ressaltamos que os quilombolas são grupos étnicos, predominantemente constituídos por pessoas negras e localizados, em sua maioria, em áreas campestres. Sua formação representa uma das formas de resistência e de combate à escravidão e aos processos coloniais sofridos historicamente.

Com a formação dos quilombos podemos perceber também a busca pelos direitos que foram negados a estes coletivos historicamente, um desses direitos pode ser destacado com o reconhecimento da identidade quilombola como comunidades pertencentes de culturas e produtores de conhecimentos. Nesse segmento, enfatizamos que nas Comunidades Quilombolas existem formas próprias de organização, desenvolvidas com os rituais, recuperação de sua história, memória, valorização da identidade e com os modos de organização comunitária, desenvolvidas em cada quilombo (campestre ou urbano) de acordo com suas especificidades.

Em Comunidades Quilombolas temos uma identidade negra com sua ancestralidade, história e cultura dos povos negros, mas também a resignificação do espaço de vivência que corresponde às variáveis formas culturais que se expressam de maneira diferente em cada quilombo. Esses elementos constituem as ações educativas que foram sendo apreendidos no espaço-tempo da luta pela sobrevivência, contribuindo para a resistência aos processos coloniais, conseqüentemente se fortalecendo como processo educativo, como “retroalimentação entre experiência, processos educativos e resistência” (LARCHERT, 2013, p.10).

Portanto, nos referimos à Educação Quilombola às práticas desenvolvidas nos espaços de vivência dos quilombolas, que expressam memória, ancestralidade, resistência, identidade negra e quilombola, dentre outros elementos contribuintes na luta da história-memória e permanência desses grupos. A prática de resistência, por exemplo:

é o esforço contínuo de existir na situação concreta de vida, neste esforço são muitos os processos educativos que legitimam a existência de um povo. Na construção da educação de um povo, a produção dos seus saberes não está separada dos seus fazeres cotidianos, saber e fazer se justapõem, dialeticamente, produzindo seus processos educativos (LARCHERT, 2013, p.10).

Nesse Sentido, enfatizamos que Educação Quilombola é aquela originária, “marcada pela liberdade de ser de um povo” (FERREIRA; CASTILHO, 2014, p.14). É pensando sobre tais necessidades de reconhecimento, que a Educação Quilombola adquiriu sentido mais amplo, pois procura integrar também os saberes de sua comunidade na escola. Tal necessidade se insere tendo em vista, que a escola perpassa saberes eurocêntricos, pautados nos processos coloniais, muitas vezes, distante do seu cotidiano.

### **3. Saberes tradicionais**

Entendemos que historicamente fomos levados a compreender e a achar natural o aprisionamento dos conhecimentos dos povos outros, considerando válidos apenas os tidos como ciência, a linguagem que tem respostas para todos os fenômenos naturais. Por outro lado, os saberes das práticas de vivência, experiência e de ancestralidade dos grupos e povos tradicionais foram enquadrados nesse aprisionamento, desconsiderados e tidos socialmente como saberes intuitivos, do senso comum. Um saber, muitas vezes, explorado pelas indústrias, mas não reconhecido

como fonte de epistemologias válidas a estarem nos currículos e para além do reconhecimento funcional (TORRES, 2013).

Dessa maneira, destacamos também que o termo tradicional<sup>1</sup> expressa tradição, uma transmissão de conhecimentos, mitos, crenças, culturas, de uma geração para a outra. Ampliamos esta discussão entendendo que o tradicional não é algo estagnado, mas uma relação intrínseca com as formas de culturas desenvolvidas de maneira individual e coletiva dos sujeitos. Pode ser entendido como um conjunto de informações que são tecidas nas vivências e experiências dos sujeitos, transmitidos, na maioria das vezes, de forma oral e na observação de suas práticas.

Em Comunidades Quilombolas podemos compreender que o tradicional é o conjunto de saberes ancestrais presente na memória, nas práticas desenvolvidas e transmitidas de forma individual e coletiva, transcendendo gerações, mas também está na contemporaneidade, na forma como estes sujeitos ressignificam seus modos próprios de ser, de pensar e de conhecimento. Reconhecer, valorizar e não negligenciar essas fontes de saberes é uma forma de trabalhar pela Interculturalidade, pelo direito às diferenças (ALMEIDA, 2010).

Ressaltamos que os saberes tradicionais são os conhecimentos construídos pelas experiências, vivências, criado e perpassado pelos sujeitos no coletivo das comunidades que são tidas como tradicionais como, por exemplo, os povos indígenas, ribeirinhos, do campo e quilombolas. Esses saberes são dialogados a partir das formas próprias de desenvolvimento local, com suas pedagogias e práticas. É um saber independente, com autonomia em relação ao saber que é socialmente tido como científico, moderno (ALMEIDA, 2010). Tais conhecimentos são resultado da observação minuciosa que estes sujeitos fazem da natureza, em suas diferentes territorialidades, da fauna, flora, dos rios, da floresta, de todos os fenômenos naturais, internos e externos com que as diferentes comunidades tradicionais vivenciam e enfrentam cotidianamente.

## PERCUSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Os procedimentos utilizados no percurso teórico-metodológico desta pesquisa, foram: a escolha da abordagem teórica, o campo de pesquisa, os sujeitos, instrumentos e etapas de análises. A construção do

<sup>1</sup> Mais informação disponível em: <https://www.significados.com.br/tradicional/> Acesso em: 18-01-2019.

caminho metodológico se constitui enquanto parte fundamental da pesquisa, pois é nesse processo que vamos tecendo o objeto em estudo. Por isso, os métodos a serem utilizados nos conduzem a caminhos que estão em constante movimento.

Enfatizamos a escolha teórica-metodológica dos Estudos Pós-Coloniais, com os autores: Mignolo (2003, 2005); Quijano (2005); dentre outros, por dialogar com o objeto de pesquisa e contribuir com reflexões sobre o padrão imposto socialmente pelo projeto de Modernidade-Colonialidade e a evidenciarmos de forma crítica elementos necessários na pesquisa social. Utilizamos esta abordagem enquanto opção política e epistêmica, pois evidencia e valoriza as epistemologias que sofreram/ sofrem com as tentativas de extermínio pelo projeto de Sociedade-Modernidade-Colonialidade, contribuindo com o rompimento dos padrões dessa Herança Colonial.

Por isso, destacamos a relevância de realizarmos esta pesquisa como forma de evidenciar outras fontes de produção de conhecimento. Ressaltamos que a escolha por essa comunidade se dá pelo fato de ser um território de produção de saberes que no seu espaço-tempo-histórico tiveram suas identidades silenciadas.

Como forma de coletar os dados da pesquisa utilizamos a entrevista semiestruturada junto à liderança da associação da comunidade, como também a quilombola Zilma que exerceu um trabalho de recontação da história da comunidade enquanto ainda era secretária da associação. Dessa maneira, foi possível identificar e compreender quais e como são trabalhados os saberes tradicionais na comunidade.

Para o tratamento dos dados utilizamos a Análise de Conteúdo via Análise Temática que nos possibilita ir além da mera verificação, mas de avançarmos nas interpretações e acessar os núcleos de sentidos que constituem o objeto desta pesquisa (BARDIN, 1977). Nesse sentido, a Análise de Conteúdo é: “uma técnica de tratamento de informação, não é um método. Como técnica pode integrar-se em qualquer dos grandes tipos de procedimentos lógicos de investigação e servir igualmente os diferentes níveis de investigação empírica” (VALA, 1990, p.104). Para o desenvolvimento da técnica da Análise de Conteúdo via Análise Temática (BARDIN, 1977; VALA, 1990), utilizaremos as três fases: pré-análise, exploração do material, tratamento e inferências, que contribuem na organização, no caminho traçado para as análises.

## Os saberes das vivências, experiências e os modos de vida próprios da Comunidade Quilombola Pau Ferrado

Com a realização desta pesquisa foi possível nos aproximarmos da Comunidade Quilombola Pau Ferrado e compreender que, apesar das dificuldades diárias, a mesma preserva elementos de sua memória e de sua ancestralidade que se expressam nos saberes que são passados pela oralidade, escuta, experiência ao lado dos mais velhos, pelas festividades realizadas na comunidade e vivência de cada sujeito nesta territorialidade.

A partir da entrevista semiestruturada realizada com os sujeitos colaboradores, identificamos e caracterizamos os saberes tradicionais presentes na Comunidade de Pau Ferrado. Após a realização desse procedimento, seguimos com o tratamento dos dados, em que os saberes identificados foram organizados e agrupados a partir das fases da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011).

Como forma de organização, apresentamos os estruturantes que foram abordados para melhor compreensão dos dados da pesquisa, seguidos das epistemologias identificadas, são estas: **História** (origem da comunidade, divisão territorial, tradição religiosa, festividades culturais); **Medicina Tradicional** (reza, partos, plantas medicinais, dentre outros); **Saberes Tradicionais** (mitos e contos); **Agricultura** (agricultura familiar); **Culinária** (beiju, doces e geleias); **Expressões Artísticas** (dança, música e bacamarte) e **Atividade Esportiva** (futebol).

Após a realização dos procedimentos de identificação, organização e caracterização dos dados, seguimos com o tratamento e inferências sobre o que está sendo analisado. Para esse propósito, ressaltamos nossas compreensões com base nas discussões abordadas durante o aporte teórico e da abordagem adotada.

O diálogo sobre História, um dos estruturantes dessa análise, surge como elemento chave na identificação e caracterização da Comunidade Pau Ferrado, principalmente enquanto quilombolas, pois esta, além de ser composta em sua maioria por descendentes de pessoas negras que foram escravizadas, também carrega uma identidade de luta, dos sujeitos que historicamente reivindicaram sua liberdade, seguida da luta pela afirmação da identidade e posse da terra. Desse modo, a partir do estruturante História iremos discorrer sobre os saberes da: origem da comunidade, divisão territorial e tradição religiosa.

A história de origem da comunidade, foi construída segundo Zilma a partir de relatos de sujeitos colaboradores e das pessoas de mais idade da comunidade, como exemplificado a seguir:

a gente montou a história fora da comunidade para depois confrontar com as pessoas da comunidade, fomos percebendo que elas sabiam de alguma coisa, principalmente com relação a nós sermos descendente de escravo, mas era como se existisse um pacto de não falar sobre isso, minha avó e a mãe dela, minha avó nasceu em 1888 antes da Lei Áurea, ela ainda esteve na escravidão, porém já nasceu na época do Ventre Livre. Ela falava que a mãe dela não contava nada sobre isso, tinha receio de falar (QUILOMBOLA ZILMA).

Assim, foi com a construção sobre a história desse grupo que os moradores passam a entender e a considerar essa territorialidade como quilombo, pois sua história foi retomada pelo desejo investigativo, iniciado por Zilma, em entender sobre sua territorialidade e sobre sua própria história. O relato feito por Zilma também nos faz perceber o quanto é forte as feridas fruto da Herança Colonial a ponto dessas pessoas não sentirem vontade de falar, de expressar sua história, pois têm suas memórias, identidade e ancestralidade marcada pelo processo de silenciamento. O que por sua vez, demonstra o quanto a colonização massacrou as formas de ser e de cultura desses povos ao raptarem estes de sua origem.

Nesse diálogo, entendemos que a Comunidade Quilombola Pau Ferrado tem uma origem não só identitária, por ter sido formada por pessoas que fugiram do sistema escravista, mas também uma territorialidade marcada pela memória daqueles que foram constituindo sua vida ao longo do tempo na comunidade.

Entendemos que o processo de retorno à memória da identidade negra e quilombola constituem-se como uma marca de resistência as pressões de latifundiários e até mesmo ao sistema hegemônico como um todo. Nesse contexto, entendemos que este quilombo carrega também na sua ancestralidade a identidade negra que deu início a construção histórica da comunidade, pois a ancestralidade representa a resistência e memória dos povos negros (GONZÁLEZ, 1984).

Outro fato marcante na história de Pau Ferrado é relatado pelo líder sobre a divisão da comunidade que foi realizada pela freira Maria Brígida:

a gente teve na comunidade uma igreja e um padre, o padre Júlio, que chegou a celebrar várias missas e fazer vários casamentos na comunidade, o padre morava na igreja. E aí também tinha os Maias, que era o finado Maia, que era família de Leu que eles são brancos, e aí Maria Brígida que era uma freira na comunidade, ela chegou a restringir a comunidade, porque o Belo Monte era a parte da igreja que pegava a casa de Armando, Seu Felício e Zé Maia e a igreja que era do padre Júlio, e ela colocou aquela área de Belo Monte, lá só tinha branco e também uma parte da minha família que são os Gonsalos da comunidade o resto era tudo negro mesmo (...) e era já para separar Pau Ferrado e Brejinho<sup>2</sup>, ela criou esse nome de Belo Monte para realmente separar da gente (SÉRGIO, LÍDER DA ASSOCIAÇÃO).

Como podemos compreender, a história dessa Comunidade também é marcada pela presença do catolicismo impondo a partir da Colonialidade do Poder, de quem rege as normas, uma separação com a nomenclatura Belo Monte (que representava a área da comunidade que tinha em sua maioria famílias brancas). Com isso, a freira Maria Brígida separou a região em duas margens territoriais: de um lado a comunidade Belo Monte, do outro lado Pau Ferrado (constituído pelas famílias negras).

Nesse diálogo, compreendemos a presença do racismo, pois ocorre uma separação a partir do que era considerado belo, feito pela freira Maria Brígida, dividindo territorialmente a comunidade a partir do processo de Racialização, ou seja, impondo uma soberania de um povo sobre outro a partir das explicações biológicas (MIGNOLO, 2005).

Outro elemento importante, destacado na história deste quilombo, diz respeito à tradição religiosa, que está ligada a promessa realizada por um dos integrantes da comunidade, como nos aborda Sérgio, líder da associação:

teve uma epidemia nas comunidades vizinhas, e essa doença o camarada adoecia agora, morria de manhã, a tarde já estava cheirando mal, e a doença estava

2 A comunidade de Pau Ferrado compõe em sua territorialidade uma área chamada de Brejinho, conhecida como Brejinho de Pau Ferrado. Dessa forma, no diálogo com os sujeitos percebemos que eles não fazem distinção territorial dessa área, pois é chamada assim apenas porque representa uma formação geográfica específica na comunidade. Nesse contexto, para melhor explicação, ressaltamos a denominação do termo brejo, que significa terreno fértil, lugar onde há nascentes. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/brejo/>. Acesso em: 25-04-2020.

chegando a todas as comunidades e se aproximando de Pau Ferrado, e aí seu João Carneiro fez uma promessa de onde a doença tivesse, parasse, que eles iam começar a comemorar a festa de São Sebastião, rezar o terço e sair com a imagem de São Sebastião visitando casa por casa. E aí quando aconteceu isso nesse período, a doença parou, não entrou em Pau Ferrado, até hoje a banda de pífano junto com a imagem do padroeiro, visita todas as casas.

Podemos compreender que foi a partir da proliferação de uma doença<sup>3</sup>, e em seguida da promessa realizada por seu João Carneiro, que a comunidade se mobiliza tornando uma promessa, não mais de uma pessoa, mas do coletivo. Atualmente, essa tradição religiosa permanece passando de geração em geração, mantendo a festa que corresponde aos terços, missa e as visitas nas casas dos moradores com a imagem de São Sebastião, como é relatado por Sérgio: “hoje nós temos um grande reconhecimento pelas festividades, pois a festa de São Sebastião, por exemplo, tem 107 anos, foi desde 1912” (LÍDER DA ASSOCIAÇÃO).

Nesse contexto, entendemos a presença do Pensamento de Fronteira, pois temos, por um lado, a religiosidade eurocêntrica do catolicismo com a tradição dos terços, da crença ao santo São Sebastião; por outro, a resignificação da religião, tornando essa tradição como elemento identitário e cultural da Comunidade Pau Ferrado. Nesse diálogo, o Pensamento de Fronteira pode ser entendido como uma manifestação da Decolonialidade, construída pelos subalternos (DUSSEL, 2005), rompendo a noção de centralidade do saber produzido pelo processo de Modernidade-Colonialidade, que tem privilegiado uma única forma de cultura, ou seja, que tem evidenciado as epistemologias produzidas pelo Ocidente.

Nesse diálogo, entendemos que o Pensamento de Fronteira gera a Diferença Colonial, pois é nesta última que os conhecimentos se cruzam, “é o espaço onde os projetos globais são forçados a adaptar-se, integrar-se ou onde são adotados, rejeitados ou ignorados” (MIGNOLO, 2003, p. 10). Nesse processo, os saberes impostos podem ser enfrentados, assimilados ou resignificados como é o caso da crença ao Santo São Sebastião realizada na Comunidade Pau Ferrado.

Dessa forma, a tradição religiosa corresponde a um saber que está ligado diretamente à história e memória que foi e continua sendo tecida

---

3 Considerada pelos moradores da comunidade como a gripe espanhola.

na cultura dessa comunidade. A memória, nesse sentido, pode ser entendida como complemento da luta desses sujeitos, reforçando a identidade desses grupos interligando o presente e o passado (BOSI, 1994).

Outro saber identificado a partir da entrevista realizada é referente à prática das rezas, da utilização de plantas, da castração de animais e a realização dos partos que ocorria principalmente por causa da distância entre a comunidade e o município. Como podemos entender, a seguir, a partir do estruturante Medicina Tradicional:

A Medicina Tradicional corresponde a realização de atividades ligadas à saúde praticadas pelos próprios quilombolas, a partir dos saberes tradicionais sobre a tradição das rezas, a realização de partos naturais (pelas parteiras na comunidade), a castração de animais, e no manuseio de plantas/ervas utilizadas em chás como, por exemplo, para o alívio de dores. Nesse diálogo, podemos observar na fala do líder que:

a gente tem um pouco do povo de terreiro, do candomblé, os rezadores de terço, os benzedores da medicina alternativa que são os benzedores daqui a minha tia ela rezava olhado, quebrante (...) tinha tio Zezinho que castrava animais, que rezava, tinha minha tia preta que era parteira, tinha a reza na estrela. (...) E tinha muito o manuseio das ervas também (SÉRGIO, LÍDER DA ASSOCIAÇÃO).

Os saberes intrínsecos na prática dessas manifestações culturais podem ser entendidos como saberes ancestrais, pois não são expressos apenas em palavras, mas sentidos, a partir de uma fé, de energias outras que estão presentes em um coletivo ou de forma individual. No entanto, a prática desses saberes, são desvalorizados e inferiorizados na sociedade, pois são conhecimentos pertencentes a grupos que não fazem parte do projeto de Modernidade-Colonialidade. Entendemos que esses saberes, categorizados nesta pesquisa como Medicina Tradicional, são alternativas para a manutenção da vida desses sujeitos, são meios de sobrevivência, já que os órgãos públicos negligenciam o atendimento da medicina convencional para as populações carentes, principalmente para as comunidades tradicionais.

Já outros saberes foram perdendo espaço, como é o caso da realização dos partos e até mesmo das rezas, são saberes que estão presentes na história e memória da comunidade, porém pouco disseminados atualmente, como nos aponta Sérgio, líder da associação:

a prática da realização dos partos, das rezas, eram os mais velhos da comunidade que faziam, hoje é mais difícil, mas ainda eles rezam. Minha tia Preta que era parteira ela não sabe nem quantos partos ela fez, tinha gente que quando chegava lá chamava tia Preta para fazer parto e ela se arrumava para ir, aí quando chegava no caminho ela dizia “não precisa correr porque o menino já nasceu” e quando chegava lá, realmente já nasceu e era menino como ela tinha dito.

A prática desses saberes ancestrais, sofreu e sofre com as tentativas do processo de silenciamento e marginalização, ou seja, com as formas do sistema hegemônico que ao longo do tempo vem impondo a racionalidade válida a ser seguida. Nesse diálogo, inserimos a presença da Colonialidade do Saber, um dos elementos do sistema eurocêntrico, que dita quem produz, onde produz e naturaliza o conhecimento que pode ser circulado socialmente, conseqüentemente os dos grupos outros passam a ser desconsiderados (QUIJANO, 2005).

Dessa forma, as práticas que foram sendo tecidas, sobre os saberes referentes à tradição das rezas, realização da técnica dos partos naturais, a castração de animais e utilização das plantas/ervas, contribuíram para a permanência desses sujeitos na comunidade. Por isso, a cultura pode ser compreendida como uma herança transmitida, que tem suas raízes no passado, mas que se ressignifica a cada dia (SILVA, 2018).

Nesse diálogo, ressaltamos também outros saberes identificados da Comunidade Pau Ferrado que correspondem a: dança, música e os bacamartes expostos a partir do estruturante: Expressões Artísticas. Os saberes sobre a dança a música e a tradição dos bacamartes fazem parte da história e memória da comunidade, representam elementos praticados e/ou memorizados nas falas dos sujeitos, como forma de repassar a prática identitária desse quilombo. Por isso, entendemos a memória individual e coletiva como crucial para a continuação dos elementos culturais e identitárias dos grupos tradicionais, pois a memória está articulada aos aspectos da terra, da etnia, da ancestralidade, corroborando com as práticas educativas nos quilombos (QUEIROZ, 2017).

O saber referente a dança é exposto a partir da mazurca, pois “teve uma senhora, uma esposa de seu Zé de Jorge que ela ganhou a carta de alforria e ela morava na comunidade já em Pau Ferrado, e nessa data que ela ganhou ela passou a noite inteira dançando mazurca” (SÉRGIO, LÍDER DA ASSOCIAÇÃO). Entendemos que a mazurca representava não apenas a realização de uma dança, mas o significado de libertação, de quem

suportou os massacres do sistema escravista. Hoje, esse fato representa a origem da mazurca nesta comunidade fazendo parte dos elementos culturais presentes na memória e identidade deste quilombo.

No entanto, essa expressão cultural não foi sendo repassada para os descendentes da comunidade, pois com o falecimento dos mais velhos, ao passar do tempo, a mazurca tornou-se uma prática da oralidade, da memória dos que de alguma maneira relembram. Memórias estas, que podem ser retratadas a partir da prática de sua realização ou da memória visual e/ou de escuta.

Assim, mais uma vez, entendemos a importância da prática da Educação Quilombola, tanto no exercício do saber, como na educação da oralidade, conhecida pelos povos africanos como a prática Griot/Griottes<sup>4</sup>, a educação pela história contada, principalmente, pelos mais velhos das comunidades. Essa cultura oral conserva a memória coletiva, pois esses anciãos representam a biblioteca viva desses grupos, os Griot/Griottes são escritores/as sem papel e caneta, mas donos de um legado histórico, de memória, ancestralidade e identidade (CARVALHO, 2014).

Já a expressão musical e cultural da banda de pífano pode ser apreciada na manifestação religiosa da festa de São Sebastião, quando a comunidade convida o grupo da banda de pífano da vila de Lagoa do Souza<sup>5</sup> para tocar no dia da procissão, mantendo a cultura dos seus antepassados, bem como reafirmam não só as tradições da comunidade, mas o pertencimento a territorialidade e cultura, sendo mais um elemento de resistência e afirmação política. Isso ocorre, pois “a banda de pífano que eram os Vitorinos diminuiu depois começou os Batingos que era com seu Zezinho que mora lá em Água Branca e hoje a gente usa a banda de pífano lá de Lagoa do Souza que é com Zau” (SÉRGIO, LÍDER DA ASSOCIAÇÃO).

Temos aqui a cultura a partir de dois sentidos: primeiro a permanência da tradição da banda de pífano na festa de São Sebastião; segundo, a execução da prática dessa musicalidade, com o incentivo para que os jovens possam se interessar a praticar e dar continuidade a esse

4 O Império do Mali também chamado de Reino ou Império Mandinga foi onde a tradição Griot foi reconhecida e registrada oficialmente, localizado na África ocidental onde atualmente encontramos 16 países: Mauritânia, Mali, Níger, Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné, Serra Leoa, Libéria, Burkina Fasso, Costa do Marfim, Gana, Togo, Benin, Nigéria, São Tomé e Príncipe. (...) Após os 63 anos, a experiência pode ser usada para formar os mais jovens. Não se trata de uma aposentadoria; mas, o momento de cuidar de formar novas griottes e novos griots (NOGUERA, 2019, p.260).

5 Segundo distrito do município de Lagoa dos Gatos, comunidade campesina.

saber tradicional. Assim, observamos que a Educação Quilombola está presente nesse elemento cultural, pois continua a ser mantido como tradição na festa. Nesse sentido, entendemos que a consciência do reconhecimento dos saberes tradicionais se configura como fundamental no fortalecimento da identidade e resistência quilombola, significa pensar na existência da manifestação da prática da Educação Quilombola como importante passo na luta de permanência desses grupos (LIRA; RIBEIRO NETO, 2016).

Compreendemos também a ligação do saber da musicalidade da banda de pífano interconectada com a prática religiosa da festa de São Sebastião, pois a tradição desse primeiro saber torna-se um elo na manutenção deste último, já que faz parte de um dos momentos da tradição dessa crença religiosa, ou seja, da promessa feita por esse coletivo. Por isso, é importante a prática da Educação Quilombola na contribuição da permanência dos saberes tradicionais (LARCHERT, 2013).

Em análise, também foi possível identificar o saber referente a agricultura familiar como elemento da cultura desta comunidade. Este, representa um conhecimento individual e coletivo, estando forte também na memória da vida dos sujeitos quilombolas como elemento de resistência, de resistir às dificuldades diárias, como explicitado pelo líder:

Dona Alzira conta, você vê no vídeo<sup>6</sup> que ela chora, se emociona porque não tinham o que comer, isso é resistência, você resistir a fome e você tirar um copo de leite de uma cabra e fazer um litro, de um ovo cortar para 4 pessoas comer, praticamente é só mais sal né, e a agricultura, o que eles plantavam as vezes dava e as vezes não (SÉRGIO, LÍDER DA ASSOCIAÇÃO).

A agricultura familiar contribui para a manutenção dessas famílias, que enfrentavam a fome e as dificuldades diárias dos sujeitos que são sobreviventes do descaso dos órgãos públicos para com populações tradicionais. A agricultura familiar se caracteriza como elemento fundamental da cultura desta comunidade, pois representa desde os modos de vida dos quilombolas, como também de subsistência e resistência destes sujeitos.

6 Documentário produzido pela turma do sexto período do curso de Jornalismo do Unifavip sobre a Comunidade Quilombola de Pau Ferrado em Lagoa dos Gatos-PE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2NycKewqdk4>.

A Comunidade Quilombola Pau Ferrado ainda preserva a tradição do cultivo de hortaliças, legumes, verduras, ou seja, a forma da agricultura familiar para a sua subsistência em duas vertentes, tanto para o próprio consumo, quanto para o sustento das famílias com a renda da comercialização desses produtos, como podemos entender a seguir:

a agricultura hoje permanece baseada na agricultura familiar que é a banana, o urucum que também é conhecido como açafraão, a batata, a mandioca, as hortaliças, legumes. Só que assim, o espaço nosso foi diminuindo, porque a gente tinha um espaço, hoje, o gado tomou conta (SÉRGIO, LÍDER DA ASSOCIAÇÃO).

Nesse diálogo, compreendemos que por mais que a agricultura familiar seja um meio importante para a comunidade ela também esbarra na dificuldade territorial, pois a criação de gado, como afirmou o líder da associação, foi ganhando espaço nesta territorialidade. No entanto, o saber da agricultura familiar continua resistindo também às próprias modificações da cultura local.

Outra forma de resistência, diz respeito à presença da Colonialidade do Saber, pois os conhecimentos sobre a agricultura familiar de povos tradicionais, como os quilombos são saberes que socialmente são descartados a estarem no currículo oficial das escolas, são epistemologias tidas como não ciência (QUIJANO, 2005). Os saberes sobre a terra, as formas de cultivo, dentre outros da agricultura familiar, são desvalorizados pelo projeto de Modernidade-Colonialidade.

Outro saber identificado a partir do diálogo com o líder da associação está presente no estruturante Culinária. Utilizamos esse estruturante para abordamos compreensões sobre os saberes: beiju, doces e geleias identificados após a fala do líder da associação.

No primeiro saber, referente a produção do Beiju, é exposto que: “na comunidade tinha 16 casas de farinha (...) hoje tem 2 em exercício, e naquela época as pessoas comiam muito beiju, ainda é produzido, mas antes eles comiam muito mais” (SÉRGIO, LÍDER DA ASSOCIAÇÃO). A produção da culinária do beiju se constitui mais do que um simples alimento, mas a contribuição na manutenção da própria vida destes sujeitos, tanto para o consumo, quanto para a comercialização deste.

A fala do líder da associação, nos revela também uma das formas de organização de trabalho na comunidade, com as casas de farinha e o trabalho manual da produção da mandioca. No entanto, entendemos que a

tradição dessa produção foi perdendo espaço, tendo hoje apenas duas casas de farinha. Apesar dessa diminuição, a produção do beiju, continua fazendo parte da tradição, que perpassa memórias de vidas dos sujeitos que tinham não só este como fonte de renda, mas como principal alimento em suas casas.

A comunidade quilombola Pau Ferrado, territorialmente, “encontra-se em uma região de concentração de alguns tipos de frutas, tais como: manga, goiaba, jaca, acerola e coco, dentre outras” (SÉRGIO, LÍDER DA ASSOCIAÇÃO). O tratamento dessas frutas perpassa não só elementos de manuseio da agricultura, como a forma de plantar, de colher, mas como possibilidade de acrescentar a renda dessas famílias a partir da produção com o manuseio destas. São saberes adquiridos tanto pela experiência como repassados pela prática da Educação Quilombola.

Nesse sentido, entendemos o surgimento de outro saber na comunidade, que está presente na culinária. Um saber adquirido a partir da utilização dos recursos da própria comunidade, que é a produção de doces e geleias feita pelas mulheres com a utilização dessas frutas típicas da localidade. Esse olhar para a necessidade de incentivar outras formas de renda dessas famílias, surge pelo projeto “Tempo Comunidade”, realizado pelos educadores/as da EJA Campo, do ensino médio desta comunidade. Nesse diálogo, segundo a professora<sup>7</sup> dessa modalidade de ensino:

realizamos esse incentivo, pois estamos percebendo que famílias estão saindo da comunidade para poderem ter em que trabalhar, e a utilização das frutas típicas da comunidade também são uma forma de cessar o desperdício, já que quando chega à safra das frutas a pessoa tem que aproveitar, porque passa muito rápido, se não, é perdida. Então a ideia foi fazer a conscientização dos alunos, que eles e a comunidade poderiam usar essas frutas para serem comercializadas, pensando também depois em um método de cooperativa (PROFESSORA DA EJA-CAMPO, 2019).

Compreendemos que a realização dessa iniciativa, posta em prática, representa um passo importante para se pensar em outras formas

7 Fala da professora, Modalidade de Ensino da EJA-Campo, realizada na festividade em comemoração à semana do dia 20 de novembro na associação da Comunidade Quilombola de Pau Ferrado.

de renda para essas famílias, bem como na própria permanência desses sujeitos na comunidade, e até mesmo no empoderamento dessas mulheres, em trabalhar e ganhar sua própria renda.

Essas formas de produção como: o beiju, os doces e as geleias são maneiras de manutenção da vida encontrada por esses sujeitos, como também da utilização da própria territorialidade, ou seja, como um elo entre a terra e os sujeitos, pois como já mencionado durante o texto, o território contribui como elemento identitário (PICHETH; CHAGAS, 2018).

Outro saber identificado está presente na categoria Saberes Outros, pois entendemos que a Comunidade Quilombola de Pau Ferrado também apresenta memórias e histórias vivenciadas que são consideradas como mitos, contos. Estes saberes estão presentes na memória das pessoas a partir da experiência, escuta e observação. Assim, a categoria Saberes Outros surge a partir do contato com o material didático “**contos que me contam**” apresentado por Sérgio, líder da associação.

Essa apostila didática contém histórias relatadas pelos próprios sujeitos da comunidade a partir de suas narrativas de vivências e até mesmo de histórias repassadas por seus descendentes. Esse momento de fala foi gravado e digitalizado para a realização do projeto mencionado anteriormente, construído para manter viva essa cultura oral dos contos e mitos da comunidade. Apresentamos, a seguir o conto sobre “olhos de Fogo”, narrado pelo senhor Pedro José da Silva, de 68 anos, quilombola e morador da comunidade.

era umas dez horas da noite, lá em cima, (...) vinha atravessando assim, quando eu chego perto da casa da minha vó, (...) os olhos avermelhados, olhos de fogo, aí eu tome medo, aí o bichinho fez carreira, o lugar cheio no pé da casa de Zé Otacílio, eu descendo e gritando, né, aí quando eu cheguei perto de Zé Otacílio, ele me agarrou, aí foi que eu gritei, aí eu fiquei meio doidão, né, eu passei mais de ano com medo, e fiquei com tanto medo que por mais de ano, e não saia, era fogo de todo lado, fiquei com um medo tão grande, que passei tempo sem sair de casa à noite, passei um bocado de tempo com aquele trauma ruim, sem ir na casa da minha vó, o negócio feio, todo rasgado, eu fiquei (COMUNIDADE QUILOMBOLA DE PAU FERRADO, 2019, p.73).

Como podemos compreender a história de experiência narrada pelo senhor Pedro José, retrata a importância da oralidade, da contação de histórias, contos, mitos, da comunidade para os demais, tendo em vista a

perpetuação da cultura para as próximas gerações. Desse modo, entendemos como crucial a valorização dos guardiões da comunidade, que mantém viva a memória de seu povo, tendo uma função social e cultural (CARVALHO, 2014). Essas vivências representam também o laço com a territorialidade, uma identidade de pertencimento ao contexto em que estão inseridos (FURTADO; PEDROZA e ALVES, 2014).

Outro saber identificado corresponde ao futebol, onde organizamos essa discussão a partir do estruturante Atividade Esportiva. Um saber que vem ganhando espaço na comunidade, pois é uma maneira de manter os jovens não só praticando algum exercício físico, mas morando em um território que também apresenta alternativas de vida, de lazer. O saber da prática do futebol pode ser compreendido nesta pesquisa para além de uma prática de esporte, mas como alternativa de lazer, atividade acessível e de diversão para os jovens da comunidade.

Para a realização dessa atividade a comunidade conta com um campo de futebol, onde outras “pessoas utilizam como espaço para caminhar e onde as crianças também brincam lá” (SÉRGIO, LÍDER DA ASSOCIAÇÃO), mesmo sendo um espaço importante para a comunidade, estes sujeitos enfrentam mais um descaso pelos órgãos municipais, como podemos observar na fala do líder:

(...) nós da comunidade tivemos mesmo que pagar o espaço, alugar o campo. Em gestões anteriores a prefeitura pagava o aluguel do campo, e nessa gestão não paga, que seria 1.000 reais por ano, o que fica em torno de 80 reais por mês, então o terno, a bola é a comunidade que arca com os custos, ou ganha, ou a comunidade dá para manter os meninos no esporte (SÉRGIO, LÍDER DA ASSOCIAÇÃO).

Nesse contexto, percebemos a importância da organização da comunidade, onde o futebol passa a ser fundamental como alternativa na possibilidade de manter os jovens no quilombo. Embora, compreendemos também que este poderia ser trabalhado para ambos os gêneros, pois na fala do líder a indicação “manter os meninos no esporte” nos direciona que essa modalidade é destinada apenas aos do sexo masculino.

Assim, entendemos a necessidade de a prática do futebol ser gerenciada a partir de uma abordagem não tecnicista, mas uma prática socializante e incluyente. Embora, as Comunidades Quilombolas, enfrentam uma série de percalços, a exemplo a falta de apoio desde o atual governo presidencialista, até as gestões locais, escassez de condições de

trabalho, saúde, educação, lazer e esporte (LARA, 2012). São inúmeras as necessidades que as Comunidades Quilombolas enfrentam no seu cotidiano e a falta de lazer se constitui apenas uma dessas, mesmo este sendo algo tão essencial quanto às outras necessidades para a humanidade. É importante refletirmos sobre esse saber, pois ainda hoje o lazer é destacado socialmente como algo essencial e necessário para os mais abastados, já para os povos tradicionais, como é o caso das Comunidades Quilombolas, este se torna desnecessário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em diálogo com os sujeitos colaboradores, entendemos os saberes presentes na Comunidade de Pau Ferrado, representam modos de vida, de religiosidade, de cultura e de resistência próprios da memória desse coletivo. São saberes que não se resumem apenas a história e ao processo identitário, mas a um conjunto de outros saberes que são necessários para a construção e fortalecimento do coletivo deste quilombo.

Assim, entendemos que as narrativas expostas nesta pesquisa representam saberes das especificidades destes quilombolas, que não foram coletados como forma de apropriação, mas em respeito a essas epistemologias que ao longo do projeto de Modernidade-Colonialidade tem sido inferiorizados, silenciados, marginalizados, por isso a evidenciação dessas narrativas caracteriza-se como enfrentamento a esse sistema. Uma forma de desobediência epistêmica que busca não só a valorização desses saberes, mas a compreensão de que os sujeitos tradicionais são produtores de conhecimentos, culturas e narradores próprios de suas memórias.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Livraria da Física, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARVALHO, José Ricardo. **Educação, identidade e literatura oral**: o griot na diáspora africana. ITABAIANA: GEPIADDE, Ano 08, Volume 16 | jul./dez. de 2014, p.313-336.

DUSSEL, Enrique. “Europa, modernidade e eurocentrismo”. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas., Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Colección Sur Sur, CLACSO, 2005.

FERREIRA, Augusta Eulália; CASTILHO, Suely Dulce de. Reflexões sobre a Educação Escolar Quilombola. **Revista de Pesquisa em Políticas Pública**, Edição nº 03, agos. de 2014. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=REFLEX%C3%95ES+SOBRE+A+EDUCA%C3%87%C3%83O+ESCOLAR+QUILOMBOLA&oq=REFLEX%C3%95ES+S>. Acesso em: 25-01-2020.

FURTADO, Marcella Brasil; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira; ALVES, Cândida Beatriz. Cultura, Identidade e Subjetividade Quilombola: uma leitura a partir da Psicologia Cultural. Universidade de Brasília, Brasília/ DF-Brasil. **Revista: Psicologia e Sociedade**, 26 (1), 2014, p.106-115.

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.

LARA, Larissa Michelle. **Esporte e lazer em comunidades quilombolas no Paraná: identificando realidades e apontando desafios para implementação e/ou aprimoramento de políticas públicas**. Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil. Pensar a Prática, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 1271, jan./mar. 2012.

LARCHERT, Jeanes Martins. Epistemologia da resistência quilombola em diálogo com o currículo escolar. **ANPEd** – reunião, 36º - 2013.

LIRA, Elizeu Ribeiro; RIBEIRO NETO, Olegário B. O território e a identidade quilombola: o caso da comunidade afrodescendente Mata Grande no município de Monte do Carmo – TO. Revista: **Produção Acadêmica** -Núcleo de Estudos Urbanos Regionais e Agrários/ NURBA, Vol. 2 N. 2, dez. de 2016, p. 36-56.

MIGNOLO, Walter. **Cambiando las éticas y las políticas del conocimiento:** la lógica de la colonialidad y la postcolonialidad imperial. Tabula Rasa. Bogotá - Colombia, No.3: p.47-72, enero-diciembre de 2005.

MIGNOLO, Walter. Pensamiento fronterizo y diferencia colonial. In: MIGNOLO, W. **Histórias locais/desenhos globales: colonialidad, conhecimentos subalternos y pensamiento frinteriço.** Madrid: Ediciones Akal, 2003.

PICHETH, Sara Fernandes; CHAGAS, Priscilla Borgonhoni. **Interfaces entre territorialidade e identidade:** analisando as vivências das mães do Grupo Maternati. Cad. EBAPE.BR, v. 16, nº 4, Rio de Janeiro, out./dez. 2018.

QUEROIZ, Maria de Godoi. **Memórias de resistências, identidades em conflito e a prática educativa da Escola Municipal Virgília Garcia Bessa na Comunidade Quilombola do Castainho em Pernambuco.** Dissertação (mestrado em Educação), Caruaru, 2017.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder: eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais:** Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SILVA, Valdélino Santos. **Rio das Rãs à luz da noção de quilombo.** 2000. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20987/13588>. Acesso: 05-12-2018.

TORRES, Denise Xavier. **Concepções de Avaliação da Aprendizagem de professoras que atuam em escolas situadas em áreas rurais.** Dissertação (mestrado em educação), Recife, 2013.

VALA, Jorge. A Análise de Conteúdo. In: SILVA, A. S.; PINTO, J. M. (Org.). **Metodologia das Ciências Sociais.** 4. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1990.